

Um relato sobre a militância de luta contra a Ditadura Militar e desenvolvimento de atividades profissionais e associativas de Fernando Augusto Fiuza de Melo

1) Muito cedo, aos 15 anos, comecei a trabalhar como bancário, no Banco Indústria e Comércio de Minas Gerais. Participei de uma greve para aumento salarial e numa outra assembléia fui contra uma greve com clara motivação política. Na primeira participei das mobilizações, reuniões de discussões e piquetes. Saí das reuniões com vários livretos e outros materiais do Partido Comunista Brasileiro que serviram de iniciação, aguçando minha curiosidade sobre política. Na segunda, os sindicalistas do PCB me retiveram para mais discussões e me indicaram alguns secundaristas militantes do PCB.

2) Era secundarista e pelas indicações dos militantes bancários tive contato com colegas do PCB, quando fui Presidente do Grêmio no Colégio que então estudava. Acabei não me entusiasmando e nunca entrei no Partido. Voltei a me envolver com a política em conversas e discussões com um professor, membro do Grupão (que deu origem a Ação Popular). Participei de várias reuniões, acompanhei a Greve dos universitários pelo 1/3 nos órgãos colegiados, assisti a UNE-Volante, com palestras de membros da UNE, peças teatrais e jograis.

3) Após minha entrada no Curso de Medicina da Universidade Federal do Pará, em 1963, tornei-me membro da Ação Popular (AP). Na Universidade participei do Diretório e de diversas lutas: contra a Lei Suplicy, por verbas, por maior representação dos universitários nos órgãos diretivos e, após o Golpe de 1964, na luta contra a ditadura militar e por liberdade de expressão.

4) Fui presidente da União Acadêmica Paraense (a UEE do Pará) entre 1966 e 1967. Participei ativamente de diversos movimentos: contra o uso de serpentina (um anticoncepcional) na Amazônia, contra tentativas de Internacionalização da Região, das mobilizações após a morte do estudante paraense Edson Luis de Lima Souto no RJ e da UNE somos nós. Participei dos Congressos de UNE que elegeram José Guedes, em Belo Horizonte-MG e Travassos, em Vinhedo-SP.

5) Casei em 1968 com Maria Margarida Sherring da Rocha com quem namorava desde o 3º. Ano colegial, formada como Agrônoma pela então Escola de Agronomia da Amazônia, hoje Faculdade de Ciências Agrárias do Pará

6) A concluir meu Curso de Medicina, no dia 11 de dezembro de 1968, dois dias antes do AI-5, decidi trabalhar como médico na zona rural do meu Estado. Quando procurei receber meu diploma fui informado na porta da Escola que havia uma ordem de prisão. Fugi então para o campo, onde me instalei com minha esposa Maria Margarida da Rocha Fiuza de Melo, na região da Belém-Brasília.

7) Morei no povoado do Buriti, entre os rios Tocantins e Araguaia, na região conhecida na época como Bico de Papagaio, município de São Sebastião do Tocantins-Goiás, por um ano e meio, trabalhando como lavrador e farmacêutico experimentado, de 1969 a 1970. Minha ida para essa região foi influenciada por pessoas, que anos depois fui saber serem ligadas aos revolucionários da Guerrilha do Araguaia.

8) Embora achasse e ainda ache justa a violência contra tiranias que se instalem pelas armas e contra invasores da pátria, não fiz nenhum treinamento militar nem participei de qualquer ação armada. Minha atividade política foi mais de proselitismo e tentativa de organizar associações e sindicato de camponeses em torno da luta pela terra, educação e saúde na convicção que uma mudança de regime teria que contar com amplos setores dos operários e camponeses.

9) Atualmente reconheço que para a queda do regime militar acabou predominando a luta institucional e mobilizações populares, mas não se pode anular ou desconhecer a luta de revolucionários onde muitos foram assassinados, outros foram presos e torturados ou foram

obrigados a se exilarem fora do país. A luta contra a tortura, pelo retorno dos exilados e pelos esclarecimentos dos crimes cometidos pelos governos de exceção foi, juntamente com o retorno do processo democrático, o mote das mobilizações.

10) Gravidez de minha esposa e por decisão de dirigentes da AP, fui transferido para o Nordeste, onde cheguei em 1970 para morar em Recife, onde trabalhei como publicitário e depois como artesão de couro, produzindo bolsas, cintos e outros produtos. Desenvolvi na região diversas atividades políticas com discussões com intelectuais (professores universitários), organizando bóias frias da cana e operários metalúrgicos de pequenas e médias indústrias nordestinas. Também realizei trabalhos organizativos na AP, seguindo uma corrente marxista-leninista (AP-ML).

11) Acabei entrando com um grupo da AP no PC do B, que me transferiu para zona do Cariri no Ceará. Morei em Juazeiro do Norte-CE, mantendo-me do artesanato de couro. Servia de apoio partidário para albergar outros militantes, como mensageiro, em comunicações e realizando articulações entre a Direção e militantes.

12) Em uma viagem para Terezina-PI, para entregar bolsas de couro para lojas das quais era fornecedor e encontrar com militantes, fui preso, num encontro marcado, por um comando do Dó-i-Codi junto com minha esposa e meu filho Raul, no dia 22 de abril de 1974, véspera da Revolução dos Cravos em Portugal e ante-véspera do meu aniversário, 24 de abril.

13) Fui torturado violentamente por cerca de seis horas em quartel do exército onde tentei preservar a integridade da esposa e do filho que estavam numa pensão. As torturas amenizaram após a detenção dos dois, sendo meu filho encaminhado com uma carta ditada para meu irmão mais velho, Bernardino Antônio Fiuza de Melo, engenheiro da Petrobras em Belém do Pará.

14) Minha esposa e eu fomos depois levados para a sede do IV exército em Recife onde fiquei por quase dois meses, sendo torturado e assistindo minha esposa ser torturada. Ameaçaram matar meu filho se não desse as informações sobre o Partido e encontros que teria com dirigentes e companheiros. Como escrevi numa resposta à citação do meu nome como “cachorro” (agente) da repressão por um membro do DOI-CODI publicada pela VEJA, acabei capitulando ante o sofrimento imposto repassando para meus algozes nomes de militantes em Recife e em Fortaleza.

15) As torturas foram diminuindo quando, segundo os que me prenderam, o SNI, seu “inimigo azul”, pedia informações sobre minha localização. Essa busca seria relacionada aos esforços de familiares e amigos junto ao General Moraes Rêgo, Ministro Jarbas Passarinho e setores da Presidência do General Geisel, que meu irmão conhecia da Petrobras. Passarinho me conhecia da época de estudante e tinha uma ligação familiar com um cunhado seu que foi sócio de um tio materno. Fui colega, vizinho e amigo de um sobrinho dele e acabei freqüentando sua casa.

16) Minha incomunicabilidade e localização acabaram após esforços familiares e ações do Bispo D. Ivo Loscheider, de Fortaleza. Primos meus que moravam em Fortaleza me visitaram onde estava preso, no Quartel da Companhia de Guardas de Fortaleza. Também recebi visita de padres amigos da família de Belém e por fim meu pai, minha mãe e minha sogra. Meu irmão chegou a alugar uma casa em Fortaleza para impedir um novo desaparecimento meu e de minha esposa.

17) Após inquérito militar dirigido por um Major Rippel, um processo jurídico foi instalado na Comarca de Fortaleza e tive um advogado assistente, Sr. Pádua Costa, indicado pelo arcebispo de Fortaleza e contratado pelo meu irmão.

18) Em setembro de 1974, às vésperas do quarto aniversário do nosso filho Raul, minha esposa teve sua prisão relaxada e eu fui solto em dezembro daquele ano, com orientações de

apresentações periódicas junto a II Seção do Quartel General do Comando Militar da Amazônia, em Belém-PA.

19) Depois da prisão sobrou-me o medo, o terror imposto por torturas e o vislumbre de manter-me vivo e útil retomando minha profissão de médico e de minha esposa como agrônoma. Nessa época aceitei um convite do Prof. Osvaldo Ramos, que conheci por intermédio de um colega de turma e como professor de um Curso de Especialização em Propedêutica Clínica realizado na Faculdade de Medicina da Univ. Fed. do Pará do qual participei à convite da Dra. Betina Ferro-Costa, Médica e Democrata. Dra. Betina foi uma grande mestra que tive na Faculdade, onde além das atividades políticas não fui aluno medíocre, com desempenho, como ela mesmo afirmava “bem acima da média”.

20) Em 1975, minha esposa e eu nos transferimos para São Paulo em busca de conhecimento e saber. Apresentado por Prof. Osvaldo Ramos ao Prof. Octavio Ribeiro Ratto, iniciei em 1975 um Estágio na Disciplina de Pneumologia da EPM-UNIFESP. Não foi nada fácil, após seis anos retomar a medicina. Nadei contra a corrente, busquei uma formação e aprendizado de forma frenética, trabalhando como plantonista para manter a família, inicialmente com um filho de cinco anos, Raul, e depois com mais dois, Renato nascido em julho de 1976 e Roberto, em 1978. Acredito que consegui alguns dos objetivos então propostos ainda que com inúmeras cicatrizes emocionais e psicológicas, parcialmente equacionadas após abordagem psiquiátrica.

21) Além do Curso de Especialização em Pneumologia, obtive meu Título de Especialista em prova nacional em Congresso da Especialidade em Salvador, BA, em 1976. Participei de Curso de Especialização em Gestão Hospitalar e Sistemas de Saúde pela Fundação Getúlio Vargas, SP; e, em 1997 defendi uma Tese de Doutorado pela mesma UNIFESP.

22) No final de 1975, fui aprovado em Concurso para o Serviço-Público Estadual, optando pelo cargo de Pneumologista no Instituto Clemente Ferreira, referência em pneumologia e fisiologia. E em outro concurso, em 1979, ingressei como médico pneumologista no Hospital dos Servidores Francisco Moratto de Oliveira. Dediquei-me à luta contra a tuberculose por entender que poderia continuar ofertando meus esforços e minha inteligência para o desenvolvimento do país, contribuindo assim para a assistência dos setores desfavorecidos do povo brasileiro.

23) Voltei à militância política participando da luta pelas Diretas, com um grupo que trabalhou pela eleição de Franco Montoro para Governador de SP, na época do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Com pessoas amigas formamos um agrupamento de discussão chamado de GEDEA, Grupo 16 de Abril, o dia do primeiro grande Comício pelas Diretas-Já. Alinhei-me com a tendência que se afasta do MDB e funda o Partido Social Democrata do Brasil (PSDB), aproximando-me ao grupo liderado por Mário Covas. Fui militante desse Partido, membro diretivo da Seção do Bairro da Saúde, Zona Sul de São Paulo. Além de atividades setoriais chegando a participar da Direção do Grupo da Saúde do Partido. Fui eleito suplente do Diretório Municipal e participei organizadamente em vários processos eleitorais até que, com a morte de Covas e decepcionado com a tendência capitalista-liberal Cardosista-Serrista, me afastei da militância político partidária.

24) Fui Diretor da Associação dos Médicos do Hospital dos Servidores Públicos de São Paulo, Presidente do Departamento de Pneumologia e Fisiologia da APM, Representante eleito do CRM-SP junto ao CFM, Diretor da Sociedade Estadual da Especialidade (SPPT) e Responsável pela Comissão de TB numa das gestões da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Fisiologia (SBPT) no final da década de 1980. Fui membro da Comissão de TB da SBPT entre 2009 e 2010 e do Conselho Consultivo Permanente da SPPT. Além de associado à SBPT, sou também filiado à Sociedade Brasileira de Infectologia e à Sociedade Brasileira de Medicina Tropical.

25) No Serviço Público, fui Diretor Técnico de Serviço por quase oito anos do Hospital do Mandaqui, com o a missão de colaborar na transformação desse instrumento especializado para

a atenção da TB em um hospital geral. Nesta época participei de um Grupo de Trabalho para o Projeto Zona-Norte, que tinha como objetivo desenvolver a integração das ações de saúde federal, estadual e municipal na Zona Norte da Capital. Responsável pela internação em TB no Estado e membro da Direção do Programa Estadual de Controle da TB (PECT-TB) no Governo Franco Montoro. No início da década de 1990, fui indicado para compor a Comissão de Assessoria Técnico-Científica do PNCT-TB do Ministério da Saúde, onde permaneço até hoje. Desde julho de 2004, fui nomeado Diretor-Técnico do Instituto Clemente Ferreira (Tisiologia e Pneumologia), onde permaneço até hoje (julho de 2011), agora como Diretor Técnico de Departamento (nomeado em abril de 2010).

26) Durante os anos de 2007, 2008 e 2009 prestei assessoria técnica ao Programa de Controle da Tuberculose em Angola na África, contratado por uma Empresa Brasileira que intermedia esse tipo de assistência junto ao Governo da República de Angola, interrompida temporariamente pela crise econômica.

27) Construí um currículo técnico de razoável para bom, com inúmeros artigos originais e de revisões publicados em revistas nacionais e internacionais. Autor de livros e colaborador de capítulos de livros sobre tuberculose e pneumologia, o que pode ser conferido pelo meu Curriculum Lattes do CNPq. Tudo isso somado me deu certo prestígio e, especialmente, respeito e admiração entre meus pares.

28) Até recentemente, por questões éticas e de alguns princípios que norteiam minha vida me abstive de requerer qualquer tipo de indenização pela Lei da Anistia, decisão essa compartilhada por minha esposa Margarida e nossos três filhos, Raul, Renato e Roberto.

29) Vivenciando, entretanto, um longo período de agravo da minha saúde, desde meados de 2001, relacionado a um tumor carcinóide de intestino com inúmeras metástases hepáticas, quase certo relacionadas a uma apendicite operada em janeiro de 1988. Embora de lenta evolução, apresentei um raro agravo por substâncias produzidas pelo tumor, apresentando uma alteração de válvula tricúspide do lado direito do coração que produz uma insuficiência cardio-respiratória rara, que me afeta desde meados de 2009. No final de julho de 2010, a doença agravou-se com inúmeras internações prolongadas e afastamento do trabalho por quase oito meses. Uma proposta inicial de abordagem cirúrgica de alto risco foi afastada, pela melhora com o tratamento medicamentoso. Em outubro de 2010 apresentei um tumor no rim, que me levou a realizar uma nefrectomia, aparentemente com bons resultados e, em junho de 2011, tive diagnóstico de metástases pulmonar, pleural e óssea (ver Relatório médico, em anexo).

30) Foi um período de reflexão. Decepcionado em alguns momentos, revoltado em outros com a política e posturas que chegam ao absurdo de pugnar pelo retorno da ditadura militar; acrescente-se o objetivo de evidenciar o caráter antidemocrático, a rudeza e a crueldade dos métodos fascistas de prisões ilegais, as torturas que marcou um período negro da história do país; e por fim, as necessidades econômicas consequência das limitações da doença, decidi rever minha postura e lutar pelas indenizações que tenho por direito constitucional, resgatando um período de seis anos, durante o qual fui impedido de exercer plenamente minha profissão de médico.

ANEXO UMA SÉRIE DE DOCUMENTOS QUE COMPROVAM MINHA PRISÃO, QUANDO LUTEI PELO RETORNO DA DEMOCRACIA NO PAÍS E POR UMA CONSTITUIÇÃO REPUBLICANA, E RELATÓRIOS MÉDICOS SOBRE OS AGRAVOS DE MINHA SAÚDE.

Fernando Augusto Fiuza de Melo.

Brasileiro, Médico Pneumologista de Servidos Públicos do Estado de São Paulo, SP, Brasil